

O cavalo resfolegava cansado, o meu avô imitava uma rela com a língua a vibrar no palato e às vezes o chicote estalava no ar. Depois chegávamos àquela curva na estrada e eu levantava-me no cimo da carrada de mato para ver melhor.

Mal dávamos a curva aparecia o portão de ferro, isolado como uma catedral no meio de um deserto, assim, firmemente agarrado às suas ombreiras de pedra. Uma imensa seara vinha a desdobrar-se pela encosta abaixo como um tapete dourado a esvoaçar ao vento, sem nada que o prendesse, a não ser aqui e ali algumas pedras dispersas que deveriam ser o que restava de um antigo muro. E o portão de ferro, cioso do seu papel, a interromper o caminho que entrava pela seara dentro.

Nessa idade eu tinha poucas dúvidas e tudo fazia sentido para mim nesta vida, por isso encarava aquele portão, estoicamente no seu posto, como algo de transcendente que eu nem me atrevia a questionar; tal e qual um fiel devoto perante os dogmas da sua religião.

Uma vez por ano, quando o meu avô ia buscar a carrada de mato àquele pinhal perdido numa encosta da Serra do Buçaco, eu erguia-me antes da curva da estrada para ver se o portão ainda lá estava, interrompendo o caminho que dava acesso à seara. Será que as pessoas paravam junto ao portão, o abriam, como quem abre a porta de armas de um quartel e depois o transpunham e fechavam de novo, para impedir os intrusos de devassarem a propriedade alheia, apesar de toda a seara em redor estar completamente desimpedida?

– Avô, para que serve aquele portão? – Atão, prá'brir e fechar, no é? E eu ficava a magicar... Que mundos invisíveis, que universos paralelos, que prodígios se nos revelariam ao atravessarmos aquele portão; tal como o delirante País das Maravilhas estava para lá do espelho da Alice?

Nunca consegui convencer o meu avô a parar para eu experimentar passar pelo portão, só para ver o que acontecia. Mas o cavalo resfolegava sempre logo a seguir à curva da estrada, talvez sentindo algo oculto ao entendimento humano e imediatamente a rela do meu avô acordava-o para as coisas deste mundo.

Entretanto cresci e fui perdendo todas as certezas que tinha. Deixei de ir com o meu avô buscar o mato. Depois o cavalo morreu. Depois houve uma guerra e eu fui combater. Depois houve uma revolução e a guerra acabou. Depois o meu avô morreu também.

Acho que o mundo todo se modificou e nem uma só certeza de criança me acompanhou pela vida fora.

Mas um dia – porque nas histórias que começam quando somos crianças e se prolongam pela vida

Prefácio Para um Livro Qualquer



fora, há sempre um dia em que acontece algo que merece ser contado – um dia, o acaso levou-me lá ao volante do meu velho Fiat 128 e dei por mim a querer pôr-me de pé para ver melhor a berma da estrada e depois de dar a curva parei. Estranhei não ter ouvido o resfolegar do cavalo e a rela do meu avô. Não sei quanto tempo estive a olhar para o portão, assim, firmemente agarrado às suas ombreiras de pedra, no seu posto, como um soldado heroicamente resistente quando já todo o batalhão tivesse tombado.

E o Zé: "Que foi?" E eu a caminhar sem a menor hesitação para o portão. "Que foi?" e saiu do carro para me seguir. Levantei a mão esquerda a pedir-lhe que parasse e apoiei a mão direita no portão, mas quando estava já com a mão a empurrá-lo... "Que foi" insistia o Zé... assaltou-me a dúvida. Será que deveria fazer aquilo? Olhei para trás, para o Zé, que parecia temer pela minha sanidade mental e que dava ares de estar a ponto de intervir de uma forma mais coerciva, talvez por temer que eu pudesse pôr em perigo a minha própria integridade física. Mas eu fiquei imóvel com a mão apoiada no portão sem coragem para o abrir.

– Não posso quebrar o encanto, disse eu, – isto faz parte do meu imaginário, não vou cometer este sacrilégio. E o Zé a tentar manter a calma: – Que... foi? – Não posso fazer isso, fica melhor assim. Recuei e fiquei a olhar o portão de longe.

Levei metade da viagem a explicar ao Zé toda aquela história e a outra metade da viagem a tentar convencê-lo que não voltei para trás por cobardia.

Tornei-me, com o tempo, quase um céptico, mas sinto a nostalgia do fantástico, se não do sobrenatural. O mais perto que tenho estado daquela sensação tão próxima da transcendência é quando abro um livro. Sinto sempre que vou entrar num mundo diferente. Ao ler a primeira palavra, o texto transporta-me logo para outro espaço, como acontece quando clicamos numa linha de hipertexto num computador; para outra realidade, não para a fantasia, mas para outra realidade, como imaginava que aconteceria comigo se atravessasse aquele portão, sozinho a guardar a imensa seara sem vedação.

Só eu tinha a certeza que passaria desta dimensão; só eu sabia que era possível entrar noutra realidade, como agora faço com os textos dos livros que leio.

Já fui de avião até ao norte da Europa e de navio até ao sul de África, mas nunca fui tão longe como quando viajei dentro de um livro, sem sair do meu sofá da sala. O Homem já inventou prodígios de tecnologia, mas nunca algo que tenha suplantado a invenção do livro: sem mais energia do que a da ponta dos dedos, sem mais realidade virtual do que a da capacidade de sonhar e no entanto, não há lugar no mundo ou fora dele aonde não possamos ir. E quando quisermos regressar basta fechar o livro como quem bate palmas e toda a fantasia se desvanece para dar lugar à realidade. Ir e voltar de um lado ao outro de tudo quanto se possa conceber, apenas com algumas gotas de tinta sobre umas quantas folhas de papel. E não são precisas mais que duas pessoas para isso: a que escreve e a que lê.

Será que estas minhas palavras terão também para alguém esse sortilégio? Conseguirão fazer alguém transpor os limites prosaicos da realidade e atravessar o pórtico improvável da fantasia? É esse o meu propósito e o meu desafio aqui: criar uma realidade paralela, com recurso apenas a palavras escritas.

Imaginem os aros a triturarem as pedras do caminho, a curva a aproximar-se, o cavalo a resfolegar e o meu avô a estalar a língua para o prender a este mundo... e o portão solitário e orgulhoso a desafiar a sanidade humana. Não sei o que vos ficou da infância, mas se é verdade que lá deixei todas as minhas certezas, pelo menos esta capacidade trouxe comigo e não há nenhum pragmatismo que me impeça de sonhar e nem nenhuma tacanha tibieza humana que me limite o fascínio pelo inútil, utópico e sublime mundo da poesia e nem nenhum portão que sirva para mais do que apenas para abrir e fechar, ou seja: uma tentação irresistível para o atravessar... venham daí. ❖

mcbastos

19

Visita do Director do Hospital Militar Principal ao Centro de Reabilitação Profissional de Gaia acompanhado pelos Órgãos Sociais da ADFA.

20

Reunião de trabalho com o Assessor da Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, foram tratados os seguintes assuntos: Empenhamento da ADFA no desenvolvimento das políticas de reabilitação do Governo e acções concretas desenvolvidas para a inclusão da pessoa com deficiência; I Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade – PAIPDI; I Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada em 30 de Março, pelo Governo Português, na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque; Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos (2007); Acordo da ADFA com a Fundação PT; Entrega do documento "Estratégia Reivindicativa; Plano de Actividades para o ano de 2007; Projecto ADFA Rede - Solidária.

Nesta reunião foi convidada a Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação a visitar a Delegação do Porto e o projecto social que ali se desenvolve.